

# 2019

## Informações e orientações em torno da transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental e a Educação Física



Naiara Martins da Silva Siqueira

[naiara.edf@gmail.com](mailto:naiara.edf@gmail.com)

# APOIO E DIVULGAÇÃO

**Universidade Estadual Paulista –UNESP**

Faculdade de Ciências

Programa de Mestrado –Docência para Educação  
Básica

## **Elaboração**

Naiara Martins da Silva Siqueira

## **Supervisão Geral**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lílian Aparecida Ferreira

Siqueira, Naiara, Martins da Silva; Ferreira, Lílian Aparecida,

Informações e orientações em torno da transição do 5º para o 6º  
ano do Ensino Fundamental e a Educação Física.

Bauru, Universidade Estadual Paulista, 2018.

# SUMÁRIO

<b>Sobre a autora.....</b>	<b>4</b>
<b>Apresentação.....</b>	<b>5</b>
<b>Um pouco da teoria.....</b>	<b>6</b>
1. Transição do 5º para o 6º ano.....	6
2. A Teoria das Representações Sociais.....	9
<b>Metodologia.....</b>	<b>11</b>
<b>Produto Infográfico.....</b>	<b>14</b>
<b>Tópicos de informações e orientações.....</b>	<b>15</b>
1. Manifestações afetivo-sociais dos alunos sobre a escola e convívio social na transição do 5º para o 6º ano.....	15
2. As responsabilidades: tarefas, componentes curriculares e a relação professor-aluno.....	22
3. A comunidade e suas influências na construção das representações sociais.....	29
4. As representações sociais das aulas de Educação Física pelos alunos.....	33
5. Sugestões apresentadas pelos alunos.....	45
<b>Algumas considerações.....</b>	<b>48</b>
<b>Referências.....</b>	<b>49</b>

## SOBRE A AUTORA

Olá, sou a Naiara Martins da Silva Siqueira! Eu me formei em Educação Física na Universidade Estadual Paulista – UNESP/Bauru, no ano de 2010 e atuo como Professora de Educação Física na rede pública municipal desde 2014, especialmente com os anos iniciais do Ensino Fundamental I.

Essas orientações e informações sobre a transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental e a Educação Física são o produto final da pesquisa “Representações sociais de alunos sobre a transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental e a Educação Física”, realizada durante o curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica da Faculdade de Ciências da Unesp–Bauru, sob a orientação da Profa. Dra. Lílian Aparecida Ferreira.

Tal temática de estudo surgiu na minha atuação como Professora de Educação Física trabalhando com os alunos do 5º ano observando os anseios, expectativas e desafios dos alunos e levantando questões como: O que os alunos pensam sobre a transição para o 6º ano e o Ensino Fundamental II? Como eles imaginam que serão a escola, os professores, as aulas? Como eles pensam que serão as aulas de Educação Física no 6º ano?

Pretendemos, assim, compreender as representações sociais dos alunos sobre a transição dos 5º para o 6º ano, resultando nessas informações orientações sobre a transição do 5º para o 6º ano e a Educação Física que tem como expectativa contribuir, não somente com os professores atuantes com os alunos do 5º e do 6º ano, mas com toda equipe escolar e familiares sobre essa fase escolar.

# APRESENTAÇÃO

Esse material apresenta informações e orientações sobre a transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental e a Educação Física construídas a partir da análise das representações sociais de 67 alunos da rede pública estadual paulista, que viveram essa fase de transição escolar.

As informações e orientações sobre a transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental e a Educação Física foram inspiradas na dissertação de mestrado intitulada “Representações sociais de alunos sobre a transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental e a Educação Física”, de autoria de Naiara Martins da Silva Siqueira.

Longe de ser um manual, essas informações e orientações têm o intuito de contribuir com as escolas, professores e familiares que queiram conhecer um pouco mais sobre o que pensam e sentem os alunos nessa fase escolar. Há ainda a expectativa de que sejam abertos espaços para que professores e alunos possam contribuir e construir ações em suas unidades escolares de modo que minimizem os desafios vividos pelos alunos na transição do 5º para o 6º ano.

Ressaltamos, ainda, que tais orientações podem impulsionar outros estudos e discussões sobre o tema, mobilizando ações em prol de uma transição escolar do 5º para o 6º ano mais amena.

## UM POUCO DA TEORIA

Antes de apresentarmos o produto dessa pesquisa, é necessário conhecermos um pouco sobre dois temas importantes nesse trabalho: a transição do 5º para o 6º ano e a teoria das representações sociais. Que serão abordados nos tópicos a seguir.

### A TRANSIÇÃO DO 5º PARA O 6º ANO

O Ensino Fundamental, de acordo com Brasil (2006), a partir da lei nº 11.274 de seis de fevereiro de 2006, ao alterar a redação da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de nove anos para este ciclo de ensino.

O Ensino Fundamental de nove anos é dividido em Ensino Fundamental I, denominado de anos iniciais, que contempla do 1º ao 5º ano com matrícula obrigatória a partir dos seis anos de idade e o Ensino Fundamental II que contempla do 6º ao 9º ano.

A transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II é marcada por uma série de mudanças e rupturas na trajetória escolar da Educação Básica. Não somente na questão estrutural das escolas, mas no trato pedagógico dos componentes curriculares, no convívio com o novo ambiente escolar, novos amigos, materiais, livros didáticos, bem como mudanças na vida de professores e alunos envolvidos nesses ciclos, que exigem diversas adaptações (DIAS-DA-SILVA, 1997; ROSA e PROENÇA, 2003; RANGEL, 2011).

A começar pelas questões arquitetônicas e estruturais, as escolas de Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II possuem características físicas peculiares de cada nível de ensino. As escolas de Ensino Fundamental I são, em sua maioria, menores no número de salas, caracterizadas com elementos infantis, desenhos e cores nas salas de aula, pátios, corredores, portas e podem conter brinquedos e parques. Nas escolas de Ensino Fundamental II a estrutura física é maior e, em geral, o número de salas de aula aumenta

juntamente com os prédios, ao mesmo tempo em que não há parques e os elementos infantis e coloridos diminuem drasticamente.

No Ensino Fundamental I, os alunos têm apenas uma professora de sala (ou minoritariamente, um professor), que chamamos de polivalente, aquele que leciona todos os componentes curriculares e garante uma relação diária mais próxima com os alunos. Já no Ensino Fundamental II, há um professor específico para cada componente curricular, com aulas que duram em média 50 minutos e que não possibilitam mais um contato tão próximo e intenso na relação professor-aluno.

A transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, devido às várias mudanças já anunciadas, costuma ser marcantes na vida dos alunos. Entrar no Ensino Fundamental II representa uma ruptura na trajetória escolar, que dentre outras coisas, parece ser responsável pela reprovação e evasão escolar, pois os alunos precisam de alguma forma se adaptar às mudanças do novo ciclo escolar (HAUSER, 2007).

Segundo Dias-da-Silva (1997) a transição do 5º para o 6º ano exige adaptação dos alunos ao novo ano, uma vez que essa organização é bem diferente das anteriores. Muitos professores entram e saem de salas, tem turmas diferentes, lecionam, cumprem seus programas e, quase sempre, não lhes sobra tempo nem para saber o nome de todos os alunos ao longo do ano. Por conta disso, durante o ano letivo é comum os alunos do 6º. ano sentirem certo saudosismo pelo ano escolar anterior e, principalmente pela professora de sala. Para, além disso, essa transição pode se dar de forma mais ou menos conflitante de acordo com o trabalho pedagógico dos professores envolvidos nesse processo.

Na minha atuação profissional como professora de Educação Física do Ensino Fundamental I, também percebo como esse momento é marcante na vida dos alunos do 5º ano. Muitos deles demonstram curiosidade pela escola do Ensino Fundamental II, sentem medo, alegria e criam expectativas tanto pela escola nova, quanto pelos professores, pelos componentes curriculares, amigos e a própria Educação Física, o que me levou a querer estudar esse processo de transição com o intuito de compreender esse momento de mudanças.

Com relação à Educação Física, o Currículo do Estado de São Paulo (2011a) aponta que ao longo do Ensino Fundamental I espera-se que os alunos tenham vivenciado um amplo repertório de práticas corporais para que no Ensino Fundamental II as aulas de Educação Física possam sistematizar e aprofundar as experiências dos alunos, levando-os a compreender jogos mais elaborados. O conteúdo “Esporte” passa a ganhar destaque no Currículo da Educação Física para o Ensino Fundamental II, o que nos faz pensar sobre os enfrentamentos dos alunos que estão chegando a este novo ciclo.

De acordo com Betti (1995) e Modenese e Ferreira (2011), ainda no 6º ano é possível notar o interesse dos alunos e participação nas aulas de Educação Física, entretanto, nos anos escolares subsequentes este cenário vai se modificando, resultando em menos interesse e participação nas aulas.

Com os conflitos característicos desse processo de transição do 5º para o 6º ano, as expectativas quanto ao Ensino Fundamental II e o interesse dos alunos pelas aulas de Educação Física, entendemos que a identificação e análise das representações sociais destes alunos pode nos fornecer pistas interessantes acerca deste cenário.



## A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O campo de estudo das representações sociais teve seu surgimento na psicologia social através de Serge Moscovici, um psicólogo social francês. Para Moscovici (2015) a teoria das representações sociais toma como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza, singularidade e imprevisibilidade. Seu objetivo é “[...] descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade” (p. 79).

A partir da teoria de Moscovici surgiram três correntes teóricas complementares, que Sá (1998) afirma não serem incompatíveis, mas apenas abordam aspectos específicos das representações utilizando-se de metodologias diferentes. São elas, as correntes propostas por: Jean-Claude Abric, Willem Doise e Denise Jodelet.

Leme, Bussab e Otta (1989) consideram a representação social como uma versão contemporânea do senso comum e explicam que a maior parte dos conceitos que se firmam hoje no nosso entendimento é produto do universo da ciência e da pesquisa científica. Isso significa uma massa de conhecimentos que nos diz respeito, mas que está distante de nós. Na medida em que este processo de influências diversas nos ajudam a elaborar e reelaborar o senso comum, temos a materialização do universo consensual, ou seja, as representações sociais.

Jodelet (2001) sintetiza as representações sociais como:

[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação dos processos cognitivos e das interações sociais. (p. 22)

Em outra perspectiva, Lane (1995) afirma que a representação social se apresenta como um conceito extremamente importante para os estudos, pois “[...] ela constitui o dado empírico do qual se parte para uma análise dialética, que permite conhecer concretamente a consciência, a atividade e a identidade de sujeitos situados social e historicamente” (p. 68).

Ancorada nesta ideia, Lane (1995), que encaminha seus estudos através de uma psicologia materialista-histórica e dialética, cita o estudo de Sheila de Almeida que analisou como crianças de dois grupos de níveis socioeconômicos diferentes utilizam os espaços que mais gostam de brincar. Por meio da análise dos desenhos feitos pelas crianças, a autora concluiu que o grupo menos favorecido economicamente utiliza espaços mais abertos, rua, quintal, árvores, plantas e pessoas, enquanto o grupo com mais recursos financeiros restringe-se a desenhos de quadras de voleibol ou futebol, isto é, espaços bem definidos e demarcados. Diante dessas representações sociais, Lane (1995) aponta a importância e a possibilidade de se fazer reflexões a respeito dos espaços urbanos destinados às crianças de diferentes grupos socioeconômicos, bem como, dos desdobramentos dessas condições no processo de desenvolvimento e socialização infantil.

Inspirada em pensadores como Vygotsky e Leontiev, Lane (1995) aponta que “[...] o homem – fisiológico e psicológico – mais a sociedade e sua história são indissociáveis de tal forma que toda a psicologia humana é, necessariamente, social” (p. 67).

Ao considerarmos a teoria das representações sociais, podemos concluir que as pesquisas nesse campo objetivam encontrar não só o conhecimento compartilhado por um grupo, mas compreender como ele é construído, seus significados e aquilo que se percebe a respeito de algo.

# METODOLOGIA

Para efetivar a pesquisa com alunos de 5º e 6º ano e analisar suas representações sociais sobre a transição desse ciclo na rede pública do Estado de São Paulo selecionamos uma escola pública estadual paulista de Ensino Fundamental I, a escola Carlos Marques, pois estava localizada próxima de outras escolas de Ensino Fundamental II, a Escola Wladimir Rodrigues e a Escola Leon Oliveira. O intuito foi encontrar e acompanhar os participantes da pesquisa na transição do 5º para o 6º ano.

Considerando tais critérios, ao todo, os participantes da pesquisa totalizaram 67 alunos, sendo 37 alunos do 5º ano da Escola Carlos Marques e 30 alunos do 6º ano (16 alunos da escola Wladimir Rodrigues e 14 alunos da escola Leon Oliveira) envolvidos com a transição do 5º para o 6º ano.

Para a coleta de dados optamos por utilizar a entrevista semiestruturada. A entrevista destinada aos alunos do 5º ano pretendeu identificar como os alunos pesavam que seria entrar no 6º ano, quais eram suas expectativas, como imaginam a escola, os professores, as aulas e demais elementos escolares do 6º ano e como achavam que seriam as aulas de Educação Física no 6º ano. O roteiro da entrevista foi o seguinte:

1. Como você pensa que será entrar no 6º ano? Vai haver alguma mudança, ou não? O que você acha que vai acontecer?
2. Como você acha que vão ser: a escola, os professores, as aulas, o recreio, a diretora, os amigos, os materiais, as tarefas no 6º ano?
3. Como você imagina que vão ser as aulas de Educação Física no 6º ano?

Posteriormente, a fim de conhecer como foi o processo de transição para o 6º ano vivido por eles, se houve ou não alguma mudança ou dificuldade nesse processo, como perceberam o novo ambiente e dinâmica escolar do 6º ano, os novos professores e as aulas de Educação Física. A entrevista realizada com os alunos do 6º ano foi a seguinte:

1. Você acha que houve ou não alguma mudança quando você saiu do 5º ano e entrou no 6º ano? Se sim, quais mudanças?
2. Quais foram as suas primeiras impressões quando você chegou nessa escola do 6º ano?
3. Você sentiu ou não algum tipo de desconforto quando ingressou no 6º ano? Se sim, o que você acha que os professores ou a escola, poderiam fazer para ajudá-lo com este sentimento?
4. Em sua opinião, houve ou não alguma mudança nas aulas de Educação Física? Como elas eram no 5º ano e agora no 6º ano? Você gostaria ou não de mudar alguma coisa nas aulas de Educação Física? O quê?

Após analisar as entrevistas, as sínteses dos depoimentos sinalizaram para os seguintes aspectos:

- ✓ mudança para uma escola nova, mas se sentir perdido nesse novo ambiente;
- ✓ estudar em uma sala nova, mas não se adaptar a nova dinâmica escolar;
- ✓ conhecer pessoas novas, mas ter dificuldade para fazer amigos;
- ✓ ter professores legais, mas não conseguir se adaptar ao aumento do número de professores e ter pouca afinidade com eles;
- ✓ aulas diferentes, mas o aumento das tarefas, com apostilas e provas;
- ✓ aprender coisas novas, mas ter que prestar mais atenção e escrever mais rápido, pois as aulas duram apenas 50 minutos;
- ✓ componentes curriculares novos mas aumentar a responsabilidade em organizar as apostilas e a mochila.

Cada mudança pode ter desdobramentos diferentes. Além disso, carregam sentimentos de alegria, diversão, medo e vergonha, por isso para muitos alunos, a transição do 5º para o 6º ano alimenta um misto de emoções.

Em termos numéricos, no 5º ano, quando questionados sobre o que pensavam e como seria a entrada no 6º ano, dos 37 alunos entrevistados, 35 identificaram que este seria um momento de mudanças, reforçando a sensação de transição que acontece do 5º para o 6º ano. Dos 35 alunos que apontaram que entrar no 6º ano seria um momento de mudanças, seis identificaram esse momento como legal e bom, ao passo que 29 alunos relacionaram a um momento difícil.

Ao chegarem no 6º ano, todos os 30 entrevistados afirmaram que sim, identificaram mudanças na transição do 5º para o 6º ano, confirmando o quanto este cenário se mostra significativo para os alunos.

A partir dos dados, emergiram cinco categorias. São elas:

- 1) Manifestações afetivo-sociais dos alunos sobre a escola e convívio social na transição do 5º para o 6º ano;
- 2) As responsabilidades: tarefas, componentes curriculares e a relação professor-aluno;
- 3) A comunidade e suas influências na construção das representações sociais;
- 4) As representações sociais das aulas de Educação Física pelos alunos;
- 5) Sugestões apresentadas pelos alunos.

Cada categoria compôs a construção do infográfico virtual, onde serão apresentadas e aprofundadas cada questão de forma mais detalhada.

# INFOGRÁFICO



O infográfico é uma plataforma virtual, onde o leitor poderá ter acesso às informações e orientações sobre a transição do 5º para o 6º ano.

Em termos de apresentação, haverá o desenho de uma sala de aula com cinco alunos e cada aluno representará uma categoria através dos balões com falas.

Ao leitor, cabe clicar nos balões para ter acesso a informações detalhadas sobre a categoria, sendo que a número cinco revela as sugestões feitas pelos próprios alunos para que as escolas e professores envolvidos na transição do 5º para o 6º ano contribuam de forma positiva com alunos, amenizando os desafios desse processo de transição vivido por eles.

Para conhecer os botões referente às categorias, eles serão apresentados a seguir.

## TÓPICOS DE INFORMAÇÕES E ORIENTAÇÕES

### 1) Manifestações afetivo-sociais dos alunos sobre a escola e convívio social na transição do 5º para o 6º ano.

As representações sociais, relacionadas ao novo ambiente escolar e ao convívio com os amigos serão apresentadas nesse botão.

Antes da transição, no 5º ano, as mudanças assinaladas como mudanças boas, foram identificadas por 13 alunos. Porém, para 11 alunos as relações com a escola do 6º ano, os amigos e o convívio escolar foram identificadas como mudanças difíceis. De acordo com alguns fragmentos:



*Ah, acho que vai ser legal conhecer pessoas novas. (José)*

*Conhecer mais pessoas, vai ter que ser agora bem mais atividades e vai ser legal, eu acho que vai ser legal né. (Clara)*

*Olha, acho que vai ser uma surpresa, que até eu vou mudar de escola, vai ser pessoas novas, o horário diferente também porque eu vou pra outra que horário integral então vai ser bem diferente daqui. Eu acho que vai ser até divertido. (Gabriela)*

*[...] a escola vai ser boa pros alunos, pra gente, pras outras pessoas que vão pra lá, os funcionários também vão ser bons e os amigos também vai ser bom. (Thalia)*

*[...] a escola é assim, as salas são em cima e os alunos que trocam de sala, então acho que isso vai ser legal porque dá tempo de ir ao banheiro, beber água" (Júlia)*

*Ah a escola, eu nunca entrei lá dentro né, eu acho que vai ser bem grande, vai ser complicado porque vai chegar lá eu vou ficar meio perdida, vou ter que ficar pedindo ajuda [...] No primeiro ano eu acho que eu vou ficar com um pouco de vergonha né, mas depois eu já vou querendo fazer mais amizades que lá é do 6º ano até o colegial né. (Heloísa)*

*Alice: Difícil.*

*Entrevistadora: O que vai ser difícil?*

*Alice: Mudar de escola, se adaptar na escola nova [...] Ah, eu acho assim que vai ser meio difícil, vai ser difícil acostumar né porque ano que vem eu vou à tarde também.*

*Aí tipo o 6º ano pra mim é meio difícil porque vai ter os professores e tem muita gente na escola que, às vezes, na onde que eu vou estudar agora. Acho que vai ser muito ruim pra mim por causa das horas. (Paula)*

*[...] o recreio acho que vai ser mais volumoso porque vai ter do 6º ano até o colegial, 3º colegial, então vai ser bastante gente. (Cibele)*

*[...] os amigos vão ser um pouquinho difíceis de fazer, porque, provavelmente, vão ter muitos mais velhos que não vão querer se enturmar muito [...] vou me sentir pequena, porque onde eu vou vai até o 1º colegial. (Raquel)*

Apesar da pouca diferença na quantidade de indicadores positivos e negativos, vale destacar as falas que apontaram dificuldades com essas



mudanças, pois para esses alunos a transição do 5º para o 6º ano desperta sentimentos de medo e insegurança com o novo ciclo escolar.

Ainda no 5º ano, ao saberem para quais escolas vão estudar no 6º ano, os alunos demonstraram expectativas diferentes:



[...] a quadra vai ser grande, o pátio enorme, mesas para comer, aulas de Arte, de Educação Física, aula de Ciências, imagino também a sala grande, carteiras novas, umas salas novas e muitos passeios. (Matheus)



[...] O Wladimir, eu acho que ele parece meio que uma prisão. É cheio de grade. (Raquel)

[...] tipo que não faz nada, só quer ficar com a malandragem. Só quer ficar pirando na escola, essas coisas [...] Eu queria ir pra outra escola, não queria, mas tem que ir pra essa, que é mais perto de casa. (Cauã)

[...] antes a quadra não era pintada era só no concreto sabe? Agora falaram que agora tá diferente. (Bruno)

Essas representações sociais são sobre três escolas públicas diferentes e ambos demonstraram um olhar de medo e preocupação sobre a escola em que vão estudar e com a transição para o 6º ano. Nesse caso das representações sociais sobre a escola do 6º ano, percebemos um olhar crítico dos alunos sobre as condições estruturais, sociais e pedagógicas das escolas públicas, bem como, as preocupações que envolvem o aprendizado e a trajetória escolar deles.

Após vivenciarem a transição do 5º para o 6º ano, as representações que foram criadas em torno da escola e do novo ano escolar foram colocadas à prova. Quando questionados sobre quais tinham sido as primeiras impressões ao chegar à escola do 6º ano, entre os comentários levantados pelos alunos, o que mais se destacou foi o tamanho das escolas, apontado por oito alunos:

*Eu vejo que ela é uma escola bem grande, com bastante alunos. (Marcelo)*

*Iago: Grande.*

*Entrevistadora: Grande? E continua achando grande?*

*Iago: Sim*

*Antes de entrar, era um sonho meu e da minha amiga entrar para essa escola. A gente falava todo dia “a gente vai entrar para o Wladimir”, quando era final do ano, sabe? Eu não sabia que ela era tão grande assim, com tantas coisas. Quando eu entrei, eu me choquei um pouquinho, porque eu falei “ai meu Deus, eu agora vou ficar perdida nesse lugar”. (Gabriela)*



Apesar dos alunos se sentirem deslumbrados com o tamanho da escola Noemi e Gabriela apontaram que esse sentimento poderia ir se diluindo com o tempo, dando lugar à rotina e à familiarização com a escola:

*Nossa, eu pensei que gigante! Eu fiquei muito perdida aqui, não sabia onde eram as coisas, as salas, mas depois a gente foi se acostumando, conhecendo os lugares, as pessoas e tal. (Noemi)*

*Mas mudou um pouco a minha opinião, porque não é que eu achava que seria melhor, é que agora já virou rotina, né? (Gabriela)*

Dias-da-Silva (1997) aponta que com o passar do tempo, os alunos podem se sentir mais “soltos” nessa nova dinâmica do 6º ano, pois a insegurança e o medo do início dão lugar a certa liberdade que eles percebem ter na escola, com alguns professores e em alguns momentos, como por exemplo, no intervalo entre as trocas de aula, quando ocorre também a troca de professores e os alunos têm um tempo sozinhos, saem das salas, brincam, ficam nos corredores, marcando uma liberdade no 5º ano não havia.

Sobre as mudanças encontradas pelos alunos do 6º ano correspondentes ao novo ambiente escolar. Os alunos apontaram:

*[...] mudou e que eu gostei foi a biblioteca porque ela fica aberta e na hora do recreio você pega livro, você lê e ficar lá também com seus amigos e tal, foi a coisa que eu mais gostei porque lá no Carlos Marques não era assim, não era tão solto [...] Outra coisa foi diferente foi esse sinal que toda hora bate, às vezes tô lá fazendo atividade e puuuuuu, esse sinal bate, toda hora, aí vem esse sinal e bate. (Noemi)*

*É, a escola mudou, o ambiente é diferente, acostumar com o horário. (Pedro)*

*[...] o local, que era a outra escola, agora é outra. O horário ficou um pouco mais difícil. (Ademir)*

*[...] dá um pouco de caseira, um pouco de vontade de dormir [...] nos primeiros dias de aula, eu comecei a meio que ficar com sono, meio cansada, mas agora eu já estou acostumada com o horário. (Cibele)*

*[...] a gente que troca de sala, antes era uma sala fixa. (Regina)*

*[...] você vai para a sala de História, aí depois quando acabar aquela matéria de História, você vai para a sala de Educação Física e antes, lá no 5º ano, não era assim, você ficava só em uma sala. (Davi).*



O uso da biblioteca, o horário das aulas e a troca de salas foram mudanças que causaram surpresa, alegria e estranhamento, assim como o sinal, apontado por Livia “Outra coisa que foi diferente foi esse sinal que toda hora bate, às vezes tô lá fazendo atividade e puuuuuu, esse sinal bate, toda hora, aí vem esse sinal e bate.” Tal fala vai ao encontro dos achados de Dias-da-Silva (1997) sobre o sinal ser um dos grandes vilões no 6º ano, sinal que interrompe uma explicação, a cópia de um trecho importante, a troca de professores, o termino dos 50 minutos de aula e a rigidez não justificada do tempo.



As relações de amizade entre os alunos do 6º ano e o convívio no ambiente escolar foram destacados como desafiadores, se mostraram tão marcantes que aparecem nas falas de 13 alunos. Sobre as amizades:

*[...] ficou duas pessoas que eu conhecia, então foi difícil fazer amizade com as outras pessoas, interagir. (Ademir)*

*[...] não conseguir me enturmar com a sala. (Tainá)*

*Eu fiquei com medo de interagir com as outras crianças, com vergonha de falar e eu nem queria vir pra escola, aí minha mãe falou pra mim que era pra eu vir e se fosse bom era pra eu ficar, senão ela ia me mudar de escola, aí eu vim a primeira vez e gostei. (Enzo)*

*Eduardo: [...] Amigos, eu tenho bastante medo de amigos.*

*Entrevistadora: Você tem bastante medo do que?*

*Eduardo: Amigos ruins.*

*Entrevistadora: Ruim? Como assim?*

*Eduardo: Não ter um futuro bom.*

*Entrevistadora: Ah, e agora, como é que você está se sentindo?*

*Eduardo: Estou sentindo mais livre.*

*É, teve uma hora que eu entrei, que eu não conhecia mais ninguém, não conhecia ninguém, só conhecia o Miguel que entrou junto comigo. (Beto)*

*Heloísa: Ai, querendo voltar para o quinto.*

*Entrevistadora: Por quê?*

*Heloísa: Eu não conhecia ninguém aqui. Sabe quando você está meio que sozinha, assim, só tem você, assim, só tem algumas pessoas, mas as pessoas não falam mais com você? Eu estava meio que assim. Até querer mudar de escola eu estava querendo. Porque no começo a gente não conhece muita gente, é muita gente nova para gente.*



Com essas falas, percebemos que mesmo entre os alunos do 6º ano, houve dificuldade em se enturmar e fazer amigos. Paula *et al.* (2018) apontam que as “[...] modificação na rotina, as alterações no humor, a separação de determinados grupos de amigos e a rotatividade de professores, entre outros fatores, acabam tornando o processo de transição turbulento cercado de conflitos” tanto para os alunos como para os profissionais da educação envolvidos com essa fase de transição escolar. Paula *et al.* (2018) também identificam que:

**[...] a escola é um dos ambientes mais propícios e marcantes para socializar e integrar grupos com os quais haja identificação mútua. Sendo assim, no processo de transição escolar, percebe-se que os amigos se dispersam e o novo ambiente não proporciona um acolhimento e uma identificação imediata. Sentir-se bem em meio a um novo grupo torna-se objetivo de conquista, ou seja, a fase estável de convívio social foi interrompida, dando espaço a uma nova etapa, cercada de desafios e possibilidades para ser aceita e aceitar as novas condições. (PAULA *et al.*, 2018, p. 41)**

De acordo com os apontamentos, poucos alunos que já se conhecem acabam estudando juntos na mesma sala quando chegam no 6º ano, o que pode gerar um período de estranhamento e dificuldade que se refletiu também em outros ambientes da escola, como nos corredores e no recreio.

O recreio, por exemplo, foi outro fator complexo para os alunos do 6º ano, pois foram nesses momentos que se encontraram com os alunos de outros anos e principalmente os do Ensino Médio (no caso dessa pesquisa). Com relação a esse convívio, disseram:

*[...] bastante gente grande aqui aí eu fiquei meio incomodada com os meninos grandes daqui. (Lívia)*

*[...] estou em uma escola de grande e, sei lá, fico meio nervosa [...] no 5º eram só pessoas da minha idade, agora eu entrei nessa aqui, a escola é grande, estou estudando junto com os grandes, eu fiquei meio ansiosa. (Gisele)*

*[...] em sermos os menores da escola. (Manuela)*

*Hélio: É que é muita gente, aí você acaba se perdendo.*

*Entrevistadora: Se perdendo?*

*Hélio: É, às vezes você está brincando e tromba. Outro dia eu estava correndo, brincando e ralei o Joelho.*

*Tainá: Um pouco de medo.*

*Entrevistadora: Medo? Por quê?*

*Tainá: Porque eu nunca estudei com gente grande, né. E agora ficar no recreio com gente maior que eu, essas coisas, dá um pouco de medo. A*

*primeira impressão foi um pouco assustadora, eu achei que não ia conseguir me enturmar por causa de ter gente maior que eu.*

*[...] porque tipo você tá acostumada, quando eu estava no 5º ano eu me sentia “ah, eu sou maior não vai acontecer nada comigo”, agora não, agora eu penso “ai meu Deus, eu sou menor aqui então melhor eu ficar no meu canto”. (Noemi)*

Ainda sobre o recreio, Noemi expôs que, às vezes, alguns alunos do 6º ano, assim como ela, não conseguiam comprar coisa para comer na cantina da escola por conta dos alunos do Ensino Médio que ocupavam os primeiros lugares na fila:



*[...] tem a cantina, mas você não consegue entrar na fila, toca o sinal, você pisca e tá todo mundo lá já porque eles vão correndo, não sei como ninguém se machucou aqui [...] às vezes você leva dinheiro pra comprar um salgado, você fica sem, vai os cavalo (alunos do Ensino Médio) e compram tudo, então não dá tempo. (Noemi)*

Noemi também alerta sobre um comportamento que acontece no convívio escolar: ***“[...] às vezes, muita gente não sabe, mas eles (alunos menores) se escondem porque eles (alunos do Ensino Médio) são muito grandes e dá medo deles fazerem alguma coisa com você”.***

Com tal manifestação, podemos recordar o que Dias-da-Silva (1997) sinaliza sobre os alunos passarem de uma condição de “grandinhos” no 5º ano, para uma condição de “pequeninhos” no 6º ano, mas nesse caso essa condição não está relacionada somente com a visão dos professores sobre os alunos, mas principalmente em como os alunos mais velhos vêm os alunos do 6º ano e como eles próprios se vêm na relação com os outros dentro da escola.

O mesmo episódio aconteceu na pesquisa de Campolina e Lopes de Oliveira (2012) sobre a passagem da infância para a adolescência ao entrevistar alunos de 6º a 9º ano. Uma das alunas revelou o preconceito que existia na escola, em especial dos alunos do 7º ano sobre os alunos do 6º ano, chamando-os de “pirralhos”, “muito criancinhas” e que alunos do 6º ano não podem frequentar os mesmos lugares que os alunos do 7º ano. Com tal relato,

as autoras evidenciam as relações de poder que se estabelecem na escola, ao destacarem que:

[...] as relações sociais na escola que simbolizam marcadas diferenças e hierarquizações entre as classes escolares, calcada em domínios espaciais e simbólicos de um grupo em relação a outro. Os lugares físicos demarcados para a permanência de um e outro, e a qualidade das relações entre os grupos, caracterizadas pelo poder das séries escolares mais avançadas sobre as menos, denotam a hierarquização dos anos do ensino formal. O *status* de um ano escolar em relação ao outro aparece como marcador de poderes sobre o espaço da escola. Dessa forma, sob o ponto de vista dos relacionamentos entre os sujeitos, ao separar as idades em séries escolares, a escola contribui para construir diferenças e hierarquiza-las. Podemos compreender como a seriação escolar modula as relações e especifica os espaços diferentemente para cada grupo, o que pode naturalizar relações e comportamentos entre crianças e adolescentes. (CAMPOLINA e LOPES de OLIVEIRA, 2012, p. 542)

É possível perceber que quando estavam no 5º ano as representações sociais dos alunos sobre a transição para o 6º ano passaram por sentimentos de expectativa rodeados por sensações positivas e negativas. Ao entrarem no 6º ano, a sensação de transição se concretizou através da confirmação de mudança percebida por todos os 30 entrevistados.

As representações sobre a nova escola ser um espaço legal, com pessoas e amigos novos, resultaram em desdobramentos diferentes com a chegada no 6º ano. A escola, num primeiro momento, impressionou os alunos recém-chegados e o convívio entre os colegas se mostrou desafiador por conta da construção de novas relações pessoais. Apontamentos sobre a sensação de estar perdido em uma escola grande, a dificuldade de fazer amigos, de se relacionar no recreio com os alunos do Ensino Médio, ou até mesmo a dificuldade de comprar um lanche, evidenciaram tais representações.

## 2 As responsabilidades: tarefas, componentes curriculares e a relação professor-aluno.

Neste botão traremos reflexões sobre as responsabilidades escolares apontadas pelos alunos antes e depois da transição do 5º para o 6º ano, evidenciadas pelo aumento de componentes curriculares escolares, a utilização de apostila, o acúmulo de tarefas e provas, o aumento do número de professores e os reflexos na relação professor-aluno.

Quando estavam no 5º ano, identificando as mudanças que aconteceriam com a transição para o 6º ano, os fatores mais presentes nas falas de 18 alunos foram: o aumento do número de professores; as atividades e exigências dos componentes curriculares; conciliar toda essa dinâmica com aulas de 50 minutos:

*Ai eu acho que as coisas vão dificultar bastante e eu vou ter só 50 minutos de aula, então eu tenho que aprender a agilizar um pouco [...] Ah eu acho que as coisas vão mudar, vai ficar meio difícil. (Cláudia)*

*Bom dos professores eu acho que agora a aula vai ser bem menos do que agora, que a gente tem mais tempo pra prestar atenção porque lá vai ter mais uns sete ou oito professores e vai ser bastaaante, são somente 50 minutos pra explicar uma aula então vai ter que prestar bastante atenção e ser rápido, ligeiro. (Clara)*

*Acho que vai ser mais difícil, vai ter mais matéria, cada professor pra uma matéria. Vai ser mais difícil e aprender coisas novas também né. (Bruno)*

*Eu espero muito, muito, tipo muito mesmo, que eu não tenha professor chato. E é uma coisa que eu tô pegando, que eu sentindo uma impressão são os professores, porque chega um professor 50 minutos, aí depois entra outro professor, outro professor e é muito ruim! Porque eu não vou lembrar o nome de nenhum e eu sou horrível de memória e porque um professor é fácil de lembrar né, mas agora 8 professores vais ser muuuito difícil lembrar o nome de todos. E tudo vai ser mais pesado né, as matérias vão ser mais pesadas, o material também né porque, oito matérias e as vezes não sei como vai ser, sei lá, tô muito, muito, muito nervosa. (Noemi)*

*[...] Eu acho que vai ser um pouco complicado porque eu vou ter que começar a fazer mais rápido e não conversar muito. (Augusto)*

*Ah eu acho que vai ser um pouco mais difícil porque tem 50 minutos de aula pra entrar outro professor e sair, entrar, sair, entrar. (Augusto)*

O aumento no número de professores, conciliado com as aulas de 50 minutos se mostraram como preocupações dos alunos do 5º ano, uma vez que, além de estabelecer relação com diferentes professores, os alunos pontuaram necessidade de adequação de suas ações, como, por exemplo, tendo que escrever mais rápido e prestar mais atenção nas aulas.



Nessa mesma perspectiva, outros elementos que esboçaram preocupações dos alunos para o 6º ano, foram as tarefas, os cadernos e as provas, identificadas em 12 entrevistas:

*[...] vai ser bem difícil e que eu vou ter que gastar o dia inteiro fazendo tarefa. (Miguel)*

*E as tarefas vão mudar, eu acho que vai ser mais difícil as tarefa. (Pedro)*

*[...] vai acabar com a minha vida cheia de tarefa. (Yasmin)*

*[...] os cadernos vão ter que ser grande pra fazer muita coisa. (Cauã)*

*[...] eu vejo assim que no 6º ano usa bastante caderno aí eu fico meio assim com medo. (Clara)*

*Ah, as coisas vão ser bem mais pesadas né. Por causa das matérias né, vão dar cada vez mais matérias, mais provas, provas, provas. (Marcelo)*

Diante de tais fatores, Caio apontou que sente medo de não ter bom desempenho no 6º ano:

**Entrevistadora:** *Como você acha que será entrar no 6º ano?*

**Caio:** *Ah, vai ter pessoas bem mais diferente, talvez elas não tenham o mesmo desempenho que eu tenho, sei lá, eu tenho medo.*

**Entrevistadora:** *Você tem medo do que?*

**Caio:** *De ser pior que os outros, nas matérias, notas, de ficar pra trás.*

O significativo relevo às tarefas, cadernos e provas ilustra um cenário diferente do que os alunos vivenciavam no 5º ano, já que o 6º ano é reconhecido por eles como um momento de mais responsabilidades. O depoimento de Caio nos chama atenção, envolvendo nesta transição a comparação com outros colegas, evidenciando como o aprendizado e as notas passam a ganhar mais foco.



Os depoimentos parecem apontar para uma representação social sobre a transição do 5º para o 6º ano como sendo um momento de aumento de exigências e novas responsabilidades frente a uma maior demanda de atividades, tarefas, provas e professores. Isso se confirma nas falas dos alunos do 6º ano, já que, 15 deles identificaram que as mudanças mais significativas da transição do 5º para o 6º ano foram: as atividades, apostilas, tarefas e os novos conhecimentos:

*Mudou as matérias, ficaram mais difíceis (Eduardo)*

*Aqui as matérias são diferentes, tem mais matérias diferentes, a gente aprende coisas novas, difíceis. (Cláudia)*

*Foi ficando mais difícil as coisas, as atividades, foi aumentando e ficando mais difícil. No quinto ano eu tinha mais facilidade para responder, fazer mais rápido. (Guilherme)*

*Antes eu não tinha muita responsabilidade, agora que eu tenho que colocar os livros, arrumar os livros e fazer muitas tarefas eu tive mais responsabilidade. (Lívia)*

*Os estudos avançaram mais, algumas coisas que eu não sabia e outras que eu sabia também, mas avançaram aqui, teve bastante (Joana)*

De acordo com os alunos, a ampliação dos componentes curriculares, resultou no aumento das tarefas, as aulas ficaram mais difíceis, exigindo deles mais organização e responsabilidade com a nova dinâmica do 6º ano.

Com relação a essas mudanças, um fator que contribuiu com as percepções sobre o aumento de exigências foi a mudança acentuada no número de professores (que também já havia sido apontado pelos alunos no 5º ano):

*Tem mais professores. (Helena)*

*[...] a gente tem aula com bastante professores (Isis)*

*Os professores, eu ficava confuso. (Iago)*

*Ah, outra coisa foi os professores, que no primeiro dia eu achei que não fosse lembrar o nome ninguém, não conseguia lembrar, aí agora eu já sei o nome de todo mundo. (Noemi)*



Apesar de apontado por seis alunos, a questão do número de professores é uma novidade para os alunos que chegam ao 6º ano. Tal mudança nos mobiliza a pensar sobre as relações que serão estabelecidas, já que, assim como identificou Dias-da-Silva (1997), esse processo tende a ser diverso e complexo, cada professor com uma rotina e uma dinâmica própria, o que pode contribuir para deixar os alunos confusos.

Ademir e Isis, diante dessa nova dinâmica do 6º ano, com mais professores, assimilaram diferenças nos desdobramentos da relação professor-aluno. De acordo com eles:

***[...] não é a mesma professora que sempre vai saber no que você tem dificuldade ou não. É uma professora específica para uma coisa só, aí eu acho mais difícil. (Ademir)***

***[...] a gente tem aula com bastante professores, assim, a gente pode tirar bastante dúvidas com diferentes professores. (Isis)***

Corroboramos com Hauser (2007) quando lembra que do 6º ano em diante, além do relacionamento dos alunos com professores de diferentes condutas, há uma ausência de trabalho coletivo identificada na falta de integração entre os componentes curriculares no Ensino Fundamental II.

Através do que foi apontado por Dias-da-Silva (1997) e Rosa e Proença (2003), sobre os impasses da relação professor-aluno na transição do 5º para o 6º ano, considerando as falas dos alunos, observamos que no 5º ano o professor de sala tem maior possibilidade de estabelecer relações mais próximas dos alunos, conhecendo suas particularidades, dificuldades e facilidades. Isso difere da dinâmica que passa a se efetivar a partir do 6º ano, na qual cada professor tem que ser capaz de cumprir os quesitos específicos

de seu componente curricular, em um espaço pequeno de tempo o que tende a comprometer o estabelecimento de relações afetivas e próximas dos alunos.



Contribui com essa temática a pesquisa de Silva e Albuquerque (2015), realizada em uma escola estadual de Teresina/Piauí, sobre o que os alunos pensam acerca da afetividade na relação com os professores e a aprendizagem de conteúdos. De acordo com as autoras, para os alunos do 6º ano, a afetividade na relação professor-aluno esta pautada em carinho, atenção, compreensão e diálogo, os alunos apresentaram uma visão positiva de seus professores e da relação que estabelecem com eles e atribuíram grande importância à afetividade no processo de aprendizagem, dado que:

Consideraram um bom professor como aquele que, além de saber expor os conteúdos, é carinhoso, tem um bom relacionamento com os alunos e interage com estes; Estabeleceram relações entre o gostar da disciplina, o gostar do professor e a aprendizagem, à medida que apontaram as disciplinas que mais gostavam como aquelas ministradas por seus professores favoritos e que, por sua vez, são as que mais se esforçam e adquirem mais aprendizado; Reafirmaram a importância da afetividade na aprendizagem ao citarem as disciplinas que mais têm facilidade em aprender como as ministradas pelos professores mais afetuosos. Em contrapartida, citaram as disciplinas em que apresentavam mais dificuldades como aquelas ministradas por professores menos afetuosos. (SILVA e ALBUQUERQUE, 2015, p.16)

Tais características se refletem em formas diferentes de ensino e que foram percebidas pelos alunos:

*Do 5º pro 6º algumas mudanças eu percebi nas escolas... também no modo de ensino das escolas, nos livros [...] Antes era com mais questões, agora com mais consultas e algumas provas diferentes. (Nicolas)*

*[...] muita matéria, tipo a diferença era muito grande do 5º para o 6º ano [...] As aulas de Geografia eram diferentes, as de Português nem tanto, as de Matemática muito diferentes. [...] Ah, de Matemática a gente aprendeu muito mais coisas do que a gente aprendeu no ano passado e a de Geografia, a gente aprendeu também muitas coisas sobre paisagem que a gente não tinha aprendido no quinto. (Pedro)*

*Tem mais professores, mais matérias, são mais difíceis. Você aprende muito mais coisa, porque no 5º ano fica mais na parte do 4º ano, no 6º ano pega quase nada do 5º ano. (Hugo)*

Com tais apontamentos, podemos visualizar uma descontinuidade do ensino, do currículo e dos conteúdos do 5º para o 6º ano, considerando, sobretudo, que esses anos escolares fazem parte de um mesmo nível de ensino que é o Ensino Fundamental. Não deveriam ser pensados em vínculos em relação ao currículo, os conteúdos e os processos educativos entre o 5º e o

6º ano? Os professores, os coordenadores e a equipe escolar envolvida com o 5º e o 6º ano têm informações sobre as mudanças identificadas nesses anos escolares? Será que a comunidade escolar conhece estes desafios? E quais são as discussões e ações que poderiam ser feitas para minimizá-los ou superá-los?

É interessante observarmos, como nós professores, muitas vezes não nos sensibilizamos com os desafios vividos pelos alunos nessa transição escolar. Nossos dados também vão ao encontro do que Andrade (2011) considera sobre a transição do 5º para o 6º ano:

A maior dificuldade para os estudantes nessa fase é a organização. Há o aumento no número de professores, ampliação dos conteúdos curriculares, dos deveres de casa e trabalhos, sem contar que cada professor possui metodologia diferente para ensinar e formas diferentes de se relacionar com os alunos. É evidente que todas essas alterações interferem na vida da criança que começa a frequentar o 6º ano.

Paula *et al.* (2018) indicam que no 6º ano aparecem muitas novidades e exigências em um período agitado, visto com pouco tato pedagógico pela escola e professores e que “a falta de vínculo afetivo entre professor/aluno é outro assunto aparente no cotidiano escolar no 6º ano, onde o aluno se descobre em um novo momento e ambiente e precisa adaptar-se.” (PAULA *et al.*, 2018, p. 48)

Como vimos, algumas questões parecem se mostrar mais complexas que outras, como: aprender o nome de cada professor; organizar a mochila com as apostilas de cada componente curricular do dia; escrever mais rápido e usar com mais frequência a caneta ao invés do lápis. Como ressaltou Helena “[...] agora a gente escreve mais de caneta”.

Contudo, de acordo com Hauser (2007):

Todos esses aspectos relacionados à transição do 5º para o 6º ano, não encerram a problemática. Antes, torna evidente uma realidade que, muitas vezes, é camuflada ou confundida com outros problemas mais emergentes da escola, sobretudo, a pública. (HAUSER, 2007, p. 20).



Nossas ações, quanto professores e equipe escolar, precisam estar mais próximas dos alunos, no sentido de considerá-los como alunos de idade escolar, expostos às mudanças que vão reconfigurar suas práticas escolares. Evitaríamos talvez o que Manuela percebeu sobre a escola e as mudanças observadas no 6º ano, “[...] mais rígido a escola, sabe? Não é tão criancinha e tal”, ou seja, a associação infeliz de que uma escola, componente curricular, ou professor, só e mais “sério” com mais “credibilidade” quanto menos “criança” for o aluno. O desdobramento dessa representação social alimenta equívocos que se refletem negativamente em vários aspectos, como, por exemplo, nas aulas de Educação Física. Exploraremos esta questão na categoria 4.4.

### 3 A comunidade e suas influências na construção das representações sociais.

Entendemos por comunidade as pessoas envolvidas com os alunos do 5º e 6º ano do Ensino Fundamental e que fazem parte do seu convívio. Neste capítulo discutimos como essa comunidade contribui com a construção das representações sociais dos alunos sobre a transição do 5º para o 6º ano.

No 5º ano foi possível perceber que os alunos construíram representações sociais sobre a escola e o momento de transição para o 6º ano, tanto com base em suas próprias percepções como também pelas representações sociais de outras pessoas, como os amigos, familiares e professores.

Ao serem entrevistadas no 5º ano, Heloísa e Yasmin contaram que o 6º ano será mais difícil também com base no que as amigas lhes disseram:

[...] vai ser bem mais difícil, bastante matéria porque eu tenho uma amiga no 6º ano e ela me falou, eu vejo assim que no 6º ano usa bastante caderno aí eu fico meio assim com medo. (Yasmin)

Ela (a amiga) estudava no 7º, eu vou pra escola dela no ano que vem e ela falou é bem difícil, ela chega da escola 15 horas morrendo de cansaço, ela falou que lá é bem difícil então eu chego lá e vou ficar um pouco nervosa né, às vezes, um pouco com vergonha, mas a gente vai se desenvolver, vai aprender mais coisas. (Heloísa)

Podemos notar que entre os alunos se estabelece um diálogo em torno do pensamento coletivo o que tende a contribuir com a construção das representações sociais sobre a vida na escola.

Da mesma forma, os professores do 5º ano tiveram participação significativa na construção das representações por parte dos alunos sobre a transição para o 6º ano. Segundo Lucas e Paula, a professora da sala comentou sobre como será o 6º ano:



*Acho que vai ter mais coisa, mais matéria, vai ter professores diferentes, que nem a professora disse que no 6º ano vai ser mais de um professor. (Lucas)*

*A professora já falou pra gente “Se você acha que vai ser moleza, não vai ser moleza no 6º ano, vai pegar firme no 6º ano”. (Paula)*

Com base nestes dados, há uma propagação de falas que alimentam as representações, sobretudo, sobre o aumento de exigências e seriedade do 6º ano. O compartilhamento das vivências históricas e sociais favorece a construção de pré-concepções sobre as experiências, já que professores e adultos as fortalecem com base no que viveram em sua fase como alunos. Nesse caso, podemos observar que a escola e os professores acabam contribuindo com a construção das representações sociais sobre a transição do 5º para o 6º ano.

De acordo com Tunes, Tacca e Bartholo Junior, (2005) nas diversas formas de interação entre professor-aluno, misturam-se experiências, vivências, histórias de vida, havendo nesse convívio a existência, a troca e a transformação de sentidos subjetivos, sem, contudo, aqueles que ensinam e os que aprendem percebem o impacto que sofrem e causam um no outro. Por conta do papel específico que assume nas aulas, os professores costumam exercer relevante influência sobre os alunos na construção das representações sociais.

É neste sentido, que as representações sociais podem ajudar a construir uma imagem de que o 6º ano é um lugar ruim, sério e exigente, alimentando um sentimento de tensão e medo da transição do 5º para o 6º ano.

Laura, influenciada pela opinião de seu pai, estava preocupada com a escola em que ela iria estudar no 6º ano:

[...] fui transferida pro José Castilho, mas meu pai não quer que eu vá pra lá porque ele fala que lá não é uma boa escola. (Laura)

A preocupação sobre a qualidade da escola pública também perpassa a transição do 5º para o 6º ano. No caso do Caio, mesmo depois de vivenciar a transição para o 6º ano, ele levou consigo uma representação negativa da que ouviu de outras pessoas, apontando que:

[...] aqui era a pior escola que tinha, mas antes ela era melhor, todo mundo falava bem e piorou muito, eu achava que era assim. (Caio)



Tanto o pai de Laura como as pessoas que conversaram com Caio parecer ter revelado preocupações quanto ao ensino e à oferta de qualidade da escola pública. Tais apontamentos também se relacionam com as vivências históricas e sociais em torno da escola pública, bem como, com as informações que são veiculadas na mídia e na sociedade. Avoluma-se com isso um discurso que constrói o senso comum, dando vida às representações sociais, de inferiorização da qualidade da escola pública em detrimento da escola particular. Numa análise crítica, há outros tantos aspectos da escola pública que, na maioria das vezes não são destacados e que contribuem com a sua precarização como: menos recursos, estrutura física inadequada, faltam de materiais pedagógicos, baixos salários dos docentes. Fragilidades estas que revelam, em grande medida, o descompromisso com a formulação e ação por meio de políticas públicas sérias em prol da educação brasileira.

Assim também aconteceu com as aulas de Educação Física, quando os alunos expressaram a construção de representações sociais com base no que ouviram dos amigos e familiares, bem como do próprio professor de Educação Física do 5º ano:

[...] eu também gostaria bastante de aprender na aula de Educação Física, é que eles (os professores) falaram que vai ter apostila e tal e eu queria aprender bastante sobre a apostila. (Noemi)

[...] eu sei que vai ter um caderno de Educação Física que vai ter cada coisa pra fazer atividade. (Yasmin)

[...] o professor falou pra gente que vai ser diferente, a gente já tem noção que vai pegar mais pesado, não vai ser só brincadeiras, vai ser mais exercício. [...] eu fico um pouquinho nervosa, um pouquinho com medo porque a gente não tá muito acostumado com isso que vai acontecer com a gente no 6º ano, a gente vai, como eu posso dizer, a gente vai evoluir mais um pouquinho. (Paula)

De acordo com os apontamentos acima, sobretudo o de Paula, o professor de Educação Física fez um alerta que contribuiu com a construção de uma representação de Educação Física mais séria e mais exigente no 6º ano.

A pesquisa de Alves (1999), citada por Hauser (2007), identificando as percepções que os pais têm de seus filhos na transição do 5º para o 6º ano corrobora com os dados encontrados nessa pesquisa. Alves (1999) salienta que a presença de denominações como “primário” e “ginásio” nas falas, confirmam a percepção de separação das fases escolares e que a visão dos

alunos sobre 6º ano não é própria, mas resulta daquela que os pais e professores lhe transmitem.

Podemos perceber com esses dados que, assim como apontado por Sá (1995), as representações sociais fazem parte da vida em sociedade, a origem da compreensão do que vivemos, como, no caso, a transição do 5º para o 6º ano, passa por uma construção histórica e social dos indivíduos, que pensam coletivamente sobre os mesmos assuntos.

Essa construção influencia diretamente nas representações sociais dos alunos sobre a transição do 5º para o 6º ano de forma positiva ou negativa.

**O papel do professor também exerceu forte influência nas representações sociais dos alunos sobre a transição do 5º para o 6º ano.**

Como escreve Gatti (1996), na sua prática cotidiana o professor engloba a bagagem que traz da sua socialização enquanto aluno, das experiências e vivências da formação inicial/continuada, juntamente com os saberes advindos de sua atuação na escola. Dessa maneira, à medida que o professor se relaciona com os alunos, ele exerce grande influência sobre o que pensam.

No caso dessa pesquisa, as representações sociais da comunidade reforçaram a sensação de mudança, de aumento de exigência e seriedade com a entrada no 6º ano, despertando, inclusive, uma sensação de medo nos alunos sobre esse momento da vida escolar.



#### 4 As representações sociais das aulas de Educação Física pelos alunos.

Neste botão nos concentramos nas expectativas que os alunos do 5º ano carregam sobre a Educação Física no 6º ano, bem como as impressões e percepções dos alunos sobre a Educação Física no 1º bimestre do 6º ano.

No 5º ano, os alunos foram questionados sobre como eles achavam que seriam as aulas de Educação Física no 6º ano. Dos 37 alunos entrevistados, somente Tainá disse que a Educação Física no 6º ano seria mais fácil, de acordo com a aluna “[...] porque já vou saber umas coisas que eu aprendi no 5º ano e da pra usar no 6º na Educação Física”.

Nove alunos apontaram que as aulas de Educação Física seriam mais legais e divertidas:

*Eu acho que vai ser bem legal, por que o professor vai dar umas brincadeiras de correr, aí vai ser bem legal pra nós (Pedro)*

*Eu imagino que vai ser legal, tomara né. (Thalia)*

*Ah, mais legal ainda porque eu vou conhecer novas brincadeiras e professor. (José)*

Giovana manifestou a esperança de que na Educação Física do 6º ano continuasse havendo brincadeiras, assim como são no 5º ano: “[...] gostaria que tivesse mais brincadeiras, igual aqui”.

Cauã e Felipe relataram que nas aulas de Educação Física no 6º ano haveria campeonato esportivo entre as classes, mas para Cauã esse tipo de atividade deixaria a Educação Física mais difícil, pois: “[...] eu acho que vai ser

um pouco mais difícil pra mim porque lá vai ter, eu acho que faz contra outra sala, essas coisas”.



Nessa mesma perspectiva, para 20 alunos, a Educação Física do 6º ano seria mais difícil, mais séria e exigente. As falas a seguir explicitam tal perspectiva de Educação Física:

*Acho que vão dificultar um pouco os jogos, na minha opinião, os jogos vão ficar mais difíceis porque a gente vai aprendendo cada vez mais jogos. (Raquel)*

*[...] vai ter bastante coisa, vai ser mais forte, mais pesado, coisas mais avançadas, como posso dizer? As atividades vão ser mais pesadas. (Marcelo)*

*Aí eu acho que vai ser bem disciplinada e a gente vai ter que fazer as atividades de esporte não de brincadeiras [...] É, acho que vai ser mais assim, algumas coisas com esporte ao invés de brincadeiras. (Cláudia)*

Tais representações sugerem que no 6º ano, a Educação Física abandonaria os jogos e as brincadeiras (tão presentes até esse momento no 5º ano), como se estes últimos devessem ceder lugar para jogos considerados mais elaborados e aos esportes. Além disso, as falas também parecem denotar que as brincadeiras são atividades para crianças até o 5º ano.

Essa representação social sobre a relação da Educação Física com o esporte pode estar influenciada por vários fatores, dentre eles:

- ✓ **o primeiro é o que circula na mídia, onde a Educação Física é reconhecida por ensinar exclusivamente esportes;**
- ✓ **o segundo é que os alunos também constroem suas representações com base nas vivências de Educação Física. Neste caso, se os alunos vivenciaram uma ampla variedade de jogos e esportes são estes conteúdos que eles irão associar ao componente curricular. De acordo com Stroher e Muis (2017), os esportes, por ainda estarem mais próximos das experiências dos alunos, contribuem com a construção das representações sociais e da partilha dessas concepções nas relações sociais, balizando o conhecimento do senso comum.**
- ✓ **o terceiro fator se relaciona com a disponibilidade do conteúdo jogos coletivos e esportes no Currículo do Estado de São Paulo para a Educação Física, que, de acordo com Ramos (2017), predomina sobre as demais práticas corporais.**

Para contribuir com essa discussão sobre a seriedade e a dificuldade das aulas de Educação Física no 6º ano, nove alunos apontaram que passarão a ter aula teórica, apostila e provas nas aulas de Educação Física:

*[...] acho que não vai ser tão difícil né, só que a aula de Educação Física lá vai ter prova, vai ter apostila de Educação Física, a gente vai aprender bastante, vai aprender sobre o corpo humano também. (Heloísa)*

*[...] eu imagino que vai ser bem difícil também porque vai ter provas às vezes de Educação Física, mas eu também imagino que vai ser bem legal, eu acho. (Miguel)*

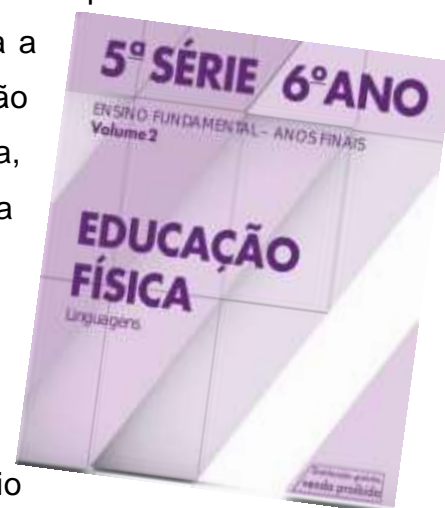
*Mais complicada. Vai ter mais matéria pra gente escrever, vai ter apostila e menos partes físicas, é mais pra escrever mesmo [...] Mais complicado. Vai ser bem pesado, mas se eu conseguir pegar e aprender bastante, ah! vamos lá! (João)*

*Eu imagino que primeiro a gente vai fazer escrito né e fazer regras tudo escrito, aí somente no dia seguinte a gente vai botar em prática. (Beatriz)*

*Por exemplo, sei lá, a gente não vai normal pra quadra, a gente primeiro vai pegar a apostila fazer algumas atividades, depois a gente vai brincar na quadra ou no pátio e fazer o que a gente aprendeu, né, que é um pouco o que a gente faz aqui, a gente teve um trabalho que a gente fez sobre um país e a gente ia brincar com a brincadeira que a gente fez do país. Então eu acho que vai ser assim, a gente vai um dia estudar a apostila, um dia a gente vai na quadra, eu acho que vai ser assim. (Noemi)*

Com estas falas é possível identificar que aparece aqui uma percepção de Educação Física com uma configuração diferente do que os alunos do 5º ano estavam acostumados: as aulas teóricas. O fato de ter que escrever nas aulas de Educação Física e utilizar a apostila modifica a dinâmica das aulas, isso tende a favorecer a construção das representações sociais de Educação Física, alimentando o confronto entre aula lúdica (5º ano) x aula séria (6º ano).

É importante lembrar que, mesmo com mudanças pontuais, a Educação Física é um dos poucos componentes curriculares ministrado por um professor especialista do Ensino Fundamental ao Ensino Médio (legislação referente ao Estado de São Paulo), o que pode contribuir para que os alunos sintam-se mais familiarizados com o componente curricular. Apesar disso, passar a ter outra professora de Educação Física mexe com as expectativas dos alunos.



*[...] a professora eu não sei se vai ser legal, mas as aulas eu gostaria que fossem legais e divertidas. (Lívia)*

*Vai ser com outra professora, que vai ser muito diferente pra mim. Com brincadeiras novas, talvez vai ter outro jeito da professora apresentar a aula, que eu acho legal isso que cada professora tem o seu jeito, aí a gente descobre mais coisa, mas eu imagino que vai ser bem divertido também. (Gabriela)*

Ter o professor de Educação Física desde o Ensino Fundamental I no Estado de São Paulo pode contribuir com a compreensão do componente curricular e denotar que muito do que os alunos vão perceber das aulas de Educação Física estará associado diretamente com a relação que o professor vai estabelecer com eles. Destacam-se, neste sentido, a afetividade e a forma como conduzirá os conteúdos e as aulas de Educação Física.

**Quando chegaram no 6º ano, todos os 30 alunos entrevistados apontaram que identificaram mudanças nas aulas de Educação Física na transição do 5º pra o 6º ano.**

Mudanças percebidas na forma como as aulas se organizavam, no tratamento dos conteúdos pelas professoras de Educação Física do 6º ano e no uso da apostila. Entretanto, do ponto de vista dos alunos, houve apontamentos diferentes com relação às aulas de Educação Física nas escolas Leon Oliveira e na ETI Wladimir Rodrigues.

Na escola Leon Oliveira, Heloísa e Enzo explicaram como funcionava a aula de Educação Física:

A professora chega, primeiro ela briga com nós no começo, aí depois a gente faz a apostila, tem vez que a gente faz a apostila primeiro, quando ela passava texto, se a gente terminasse, a gente ia para a quadra, se a gente não terminasse, a gente não ia para quadra. A gente ia para a quadra duas aulas livres. (Heloísa)

Enzo: Aqui a gente vai ter três aulas. Uma a gente vai que é que nem a gente está fazendo hoje que é duas aulas nós fica dentro da sala.

Entrevistadora: Ahn, e aí o que que faz na sala?

Enzo: Ela passa texto, faz a gente fazer tarefa na apostila e se não fizer, a gente não vai na quadra.

Entrevistadora: E na quadra, o que vocês fazem?

Enzo: Na quadra a gente faz exercício, aí ela deixa nós brincarmos um tempinho livre.

Eduardo: A gente vai pra quadra, as professoras ficam sentadas na arquibancada vendo a gente. A gente que escolhe a brincadeira.

Entrevistadora: E o que vocês escolhem?

Eduardo: Futebol  
 Entrevistadora: E você gosta?  
 Eduardo: Adoro.

Guilherme: É mais legal, tem mais aula livre, tem umas atividades legais, é melhor.

Entrevistadora: O que vocês fazem de atividade?

Guilherme: Às vezes a gente joga bola, às vezes a gente joga queimada. Até agora a gente jogou isso com essa professora, a gente joga isso.

Caio e Iago seguiram fazendo uma comparação dessas aulas de Educação Física do 6º ano com as que tinham no 5º ano:

*Raramente tinha alguma coisa escrita, a gente está fazendo um texto que parece a bíblia agora, então mudou bastante. (Caio)*

*Iago: No 5º ano só ia pra quadra e fazia texto de vez em quando, tinha dia que você tinha que fazer aula, as coisas que a professora falava, tipo pega-pega, essas coisas.*

*Entrevistadora: E como que é a aula de Educação Física agora no 6º ano?*

*Iago: No 6º ano tem que fazer aula teórica que é dentro da sala, tem que escrever e na outra aula se terminar, vai para a quadra.*



**Com esses relatos percebemos que as aulas de Educação Física do 6º ano da escola Leon Oliveira apresentaram uma dinâmica bastante diferente em comparação com as aulas de Educação Física do 5º ano.**

**O fato de agora terem aula na sala de aula, com textos e a utilização da apostila, não trouxe o caráter mais sério e teórico como previam os alunos, quando estavam no 5º ano. Ao contrário, a aula teórica foi reduzida em fazer cópia de texto, além da apostila que já trazia diversos conteúdos e atividades de escrita.**

Além da predominância das aulas na sala, reforçando a diminuição da prática da Educação Física, quando os alunos iam para quadra, a parte prática parecia não estabelecer relação com a teoria, contribuindo para deslegitimar o componente curricular.

Observamos também, de acordo com os relatos, que a participação nas aulas práticas de Educação Física, por ficar a critério dos alunos, fazia com que eles sentissem “certa ilusão” de ter maior autonomia e maturidade, diferente do 5º ano.

*No 5º ano era mais brincadeiras mais infantis no passado, mais criança e esse ano começou a pegar mais pesada, tipo queimada, já é mais difícil, vários esportes. (Marcelo)*

*Eduardo: No 5º ano era queimada, brincar de pega-pega, pra mim era muito criança as brincadeiras.*

*Entrevistadora: E agora no 6º ano?*

*Eduardo: Agora tem mais futebol, queimada, não tem mais pega-pega, gostei mais.*

Sob este aspecto, as aulas de Educação Física parecem ter contribuído para que as brincadeiras fossem tratadas com um olhar pejorativo, reforçando a ideia de que esportes são para adolescentes maduros e brincadeiras para crianças. Campolina e Lopes de Oliveira (2012) identificaram, de modo semelhante ao nosso estudo, que um aluno do 8º ano pode se identificar como criança porque é muito “brincalhão”, em outro momento, se dizer “pouco criança” por ainda brincar e se caracterizar como adolescente por “conversa mais” do que brincar. Segundo Campolina e Lopes de Oliveira (2012):

A mudança ressaltada por ele (**o aluno**) qualifica a brincadeira como experiência cuja intensidade é modulada em proporção ao desenvolvimento: quanto mais desenvolvido, menos lúdico o sujeito. [...] As atividades caracterizadas como sendo da criança (o brincar) e do adolescente (o conversar) são conectadas aos significados situacionais e se implicam às práticas sociais dos grupos com os quais o sujeito estabelece relacionamentos significativos. (destaque nosso, p. 541)

Diante do predomínio do conteúdo esporte, sobretudo o futebol, nas aulas de Educação Física do 6º ano da escola Leon Oliveira, questionamos se todos os alunos gostavam das aulas de Educação Física, inclusive se meninos e meninas participavam juntos. De acordo com Eduardo e Guilherme:

*Eduardo: As meninas ficam se divertindo em outro lugar.*

*Entrevistadora: Então vocês ficam separados. No 5º ano vocês brincavam juntos, não era melhor?*

*Eduardo: Não*

*Entrevistadora: Todo mundo gosta? As meninas também?*

*Guilherme: Os meninos todo mundo gosta, mas tem algumas meninas que não.*

*Entrevistadora; Por quê?*

*Guilherme: Não sei, acho que elas acham que é de menino essas brincadeiras.*





Tais resultados parecem revelar que, além das práticas corporais diminuïrem em detrimento à maior quantidade de escrita, meninos e meninas começam a se distanciar nas aulas de Educação Física, o que pode contribuir para alimentar os estereótipos de gênero.

Ainda sobre este assunto, não há um consenso entre meninos e meninas sobre a separação deles nas aulas práticas de Educação Física. Enquanto alguns meninos demonstraram gostar mais das aulas de Educação Física do 6º ano por conta, principalmente, do futebol, as meninas passaram a não apreciar as aulas.



*Andressa: Hum.. eu acho que sim porque no ano passado no 5º ano tinha mais coisas diferentes, as aulas eram sempre conteúdos diferentes, só as vezes repetia*

*Entrevistadora: E como é agora?*

*Andressa: Assim.. não tem coisa variada como tinha antigamente.*

*Tainá: Ano passado eu gostava mais. Ah, a gente não faz nada. É a mesma coisa que ter aula vaga.*

*Entrevistadora: Verdade? Como assim, como é a aula?*

*Tainá: Nada, a gente faz o que a gente quiser. A professora pega a bola para os meninos jogarem futebol e as meninas ficam lá sentada conversando. Ano passado não era assim, os professores falavam “vamos lá jogar futebol, vôlei” e aí a gente fazia um jogo legal, que tinha que fazer obstáculo, essas coisas. Esse ano não.*

*Entrevistadora: Entendi.*

*Tainá: A gente fazia bastante aulas diferentes, né. A gente não fazia todo dia os meninos jogarem futebol e as meninas jogar aula livre, corda, essas coisas. A gente fazia bastante jogos, queima, jogos de obstáculos, esse ano não, a gente não faz nada, só os moleques ficam jogando futebol.*

*A gente não fazia exercício. Era bem raro a gente fazer exercício, a gente sempre praticava um jogo, não era aula livre igual a gente tem aqui. A gente não fazia apostila. (Helóisa)*

*Tipo no 5º era tudo mais na brincadeira e todo mundo dava risada, agora já não entendeu, primeiro tipo são duas aulas e vai la lousa e é muito texto, passando texto, texto e agora a educação física tem prova e... tipo além de você ficar preocupado que você tem que terminar de escrever o texto você lembra que tem que decorar, que ele vai ser da prova e antes não tinha nada disso, antes era só brincar, ir pra quadra, entender a brincadeira e brincar. Agora não é você entender a brincadeira, você brincar, você estudar pra prova, você entender o que eles passam na lousa, você fazer as redações que eles pedem, porque a educação física ela quase se resume em redação e as brincadeiras porque é muita redação, muito escrito. (Noemi)*

Tais apontamentos demarcam mudanças significativas em comparação com as aulas de Educação Física do 5º ano. Em diversos momentos em que a entrevistadora realizou a pesquisa na escola do 5º ano Carlos Marques, durante as aulas de Educação Física não houve um dia em que um aluno ou aluna estivesse sentado, ao contrário, todos os meninos e meninas participavam das aulas juntos. De acordo com os relatos das meninas no 6º ano, foi possível perceber que além da diminuição das práticas corporais, o excesso de textos, a aula livre, a predominância do futebol e o distanciamento entre meninos e meninas, as meninas passam a ser menos ativas que os meninos, uma vez que começaram a considerar a possibilidade de ficarem sentadas durante as aulas de Educação Física.

É visível a insatisfação dos alunos, sobretudo das meninas com as aulas de Educação Física da escola Leon Oliveira, bem como é possível notar certo saudosismo pelas aulas de Educação Física do 5º ano, nas quais **os alunos brincavam mais.**

Na ETI Wladimir Rodrigues, os alunos também identificaram mudanças nas aulas de Educação Física, disseram que agora no 6º ano tinham aulas teóricas e também escreviam nas aulas de Educação Física, contudo, a forma como os alunos perceberam a utilização da apostila foi diferente do que aconteceu na escola Leon Oliveira:



Cláudia: Mas agora a gente vai para a quadra fazer esporte, esporte mesmo ou a gente fica dentro da sala de aula, ela passa algumas coisas na televisão e a gente escreve na apostila.

Entrevistadora: O que você achou das aulas?

Cláudia: Bem legal, estou gostando.

Gabriela: Na verdade, eu gostei porque, assim, você fazendo a apostila, quando você vai para a quadra, você sabe muito mais o que você vai fazer [...] explica o que você vai fazer na apostila, então você lendo ela, fazendo isso, você já chega aqui, você já sabe o que fazer, não fica perdido como no 5º ano a gente ficava, tinha que esperar a professora explicar, às vezes não entendia. Lendo a apostila você já entende.

Gisele: Eu gostei muito, porque aprende muito sobre alimentação também, ela (a professora) também já passou um vídeo sobre a criança obesa, sobre alimentação, sobre o músculo.



Helena: Ah, é boa porque a gente está aprendendo agora coisa de Educação Física que nos outros a gente não aprendia. A gente está vendo coisa de saúde, de peso, negócio de comida, o que comer, o que não deve, porque tem umas coisas que não pode comer. A gente está vendo coisa de futsal, de vôlei, dessas coisas assim.

Isis: Que a gente pode trabalhar as regras direito do que sem caderno, sem apostila e a regra não fica na cabeça. Agora a gente tem no papel para lembrar.

Ademir: Tem que ficar na sala e eu não gosto de ficar na sala, mas eu gosto ao mesmo tempo, porque é controlado. Tem hora que ela passa filme, tem hora que ela leva nós para a sala, tem hora que ela leva para a quadra e não é tão chato igual ano passado.

**Com esses apontamentos é possível perceber que a utilização da apostila, as aulas teóricas e as provas, na visão dos alunos, deram um sentido ao aprendizado para as aulas de Educação Física. Diferente da escola Leon Oliveira, para os alunos havia uma relação entre a teoria e prática nas aulas, sendo estabelecida pela forma como a professora conduzia o ensino.**

Para Manuela, a dinâmica da aula dava a impressão de que, no 6º ano, a Educação Física era entendida como componente curricular:

Manuela: Ah, no 5º ano era até menos, sabe, não era tão rígido. Mas agora a gente sabe que é realmente uma matéria, que você tem nota e tal.

Entrevistadora: Verdade? O que será que te fez pensar isso?

Manuela: Ah, porque no 5º ano você não fazia prova, você fazendo os esportes, as participações e as faltas era o que valia a sua nota. Aqui não, aqui você tem que estudar para fazer a prova, para fazer os exercícios para se você tiver uma nota ruim, vai ter que recuperar.

Em que pesem os apontamentos positivos sobre as aulas de Educação Física no 6º ano da ETI Wladimir Rodrigues, tanto os alunos da escola Leon Oliveira quanto da ETI Wladimir Rodrigues, ao serem questionados para propor alguma mudança nas aulas de Educação Física do 6º ano, apontaram que, se tivessem a oportunidade, diminuiriam o uso da apostila e a quantidade de textos.

*Passar menos texto. (Iago)*

*Tiraria a apostila. (Regina)*

*Não escrever texto, só fazer as coisas da apostila e ir pra quadra pelo menos uma aula. (Enzo)*

*Ahan! Esse texto que a gente tá copiando, tá na apostila, que é da página 16 a 19 aí tem que copiar, se não der até segunda aula, você perde ponto e acabou! Essas coisas que eu queria que mudasse, menos textos ou textos não tão extensos. (Noemi)*

*Eu não gosto muito de ficar copiando tanta coisa, sendo que, tipo assim, pra mim Educação Física é algo prático. (Caio)*

Tais dados revelam que a Educação Física na ETI Wladimir Rodrigues apresentou uma configuração mais aceita pelos alunos, já que as aulas de Educação Física na sala de aula parecem menos maçantes e a prática estabelecia relação com o que aprendiam em sala.

Parece-nos importante sinalizar que tais dados podem indicar um alerta, sobretudo, com relação às aulas teóricas, escritas, com texto e apostila nas aulas de Educação Física. Os alunos, ao sugerirem que se diminua a quantidade de aula teórica na Educação Física, nos ajudam a refletir sobre algumas questões:



Qual o sentido de uma aula teórica desconexa das vivências práticas para a aprendizagem dos alunos? O uso de textos é uma boa escolha para que alunos de 10 e 11 anos aprendam sobre conteúdos da Educação Física? Isso garante o aprendizado? Há outras formas de tornar o aprendizado significativo sem o uso de texto?

Os dados revelaram que a diminuição da quantidade de práticas corporais na Educação Física parece ter início no 6º ano. Bracht (1996) diante da ambiguidade do “saber fazer” e do “saber sobre” presentes na Educação Física, questiona esta necessidade de fundamentar cientificamente as práticas corporais na escola. Ainda, segundo o mesmo autor: “Desenvolveu-se aqui rapidamente, o pré-conceito de que o que se estava propondo neste caso, era transformar a Educação Física num discurso sobre o movimento, retirando o movimentar-se do centro da ação pedagógica em Educação Física” (p. 25).

O cuidado que ressaltamos sobre as aulas teóricas também vem no sentido de não transformar a Educação Física escolar em mais um componente curricular que para aprender, os alunos precisam estar sempre sentados em sala de aula.

**Por fim, ressaltamos como a relação professor-aluno tem um papel fundamental no desenvolvimento das aulas de Educação Física do 6º ano.**

Como vimos, essa relação se apresentou de formas diferentes entre as escolas de 6º ano. Na escola ETI Wladimir Rodrigues, de acordo com os alunos, o papel desempenhado pela professora de Educação Física era assertivo. Conforme quatro alunos:

*Eu acho que eu não mudaria nada, porque a professora Larissa, ela é muito legal, sabe? Ela às vezes põe música para deixar mais animado, então eu acho que eu não mudaria nada. (Manuela)*

*A professora, ela é engraçada. (Hélio)*

*Porque ela sabe passar as coisas para nós. Tem aula que não é tão legal, mas daí na próxima aula já é bem legal, que nem tem aula que a gente não vai para a quadra, mas aí na outra a gente já vai para quadra. Ela tenta controlar. (Ademir)*

*A professora, porque ela dá atenção. (Isis)*

As falas destacaram pontos favoráveis sobre professora de Educação Física, a forma como ela se relacionava com os alunos e com os conteúdos, tornando as aulas de Educação Física mais interessantes.

Com relação às representações sociais sobre a Educação Física na transição do 5º para o 6º ano, os dados evidenciaram que a transição, pelo menos para a Educação Física, não é necessariamente um enfrentamento para os alunos, mas questionamentos quanto ao formato das aulas de Educação Física e a identidade que ela vai assumir a partir do 6º ano do Ensino Fundamental passam a ganhar relevo. As dificuldades encontradas pelos alunos no 6º ano com relação à Educação Física foram diferentes nas duas escolas, sinalizando que o que mais se acentua foi a atuação da professora.



As representações sociais sobre a Educação Física construídas pelos alunos no 5º ano se confrontam com a chegada no 6º ano. Quando os alunos chegaram no 6º ano e vivenciaram uma Educação Física com mais aulas na sala e cópias de texto do que aulas práticas e condizentes com os conteúdos, pode ser um “balde de água fria”.

**No entanto, como foi observado na escola ETI Wladimir Rodrigues, a relação professor-aluno e a metodologia utilizada nas aulas de Educação Física entre teoria e prática, foram destacadas como importantes recursos para a construção de uma Educação Física que tende a ser de grande influência para todos os anos escolares seguintes.**

Nesse caso, pensamos que, assim como apontado na pesquisa de Lucchesi e Ferreira (2009), conforme o professor de Educação Física tiver conhecimento sobre os alunos e as problematizações que cercam a transição entre o 5º e o 6º ano, mais satisfatório será o andamento das aulas e sua atuação nessa fase escolar.



## 5 Sugestões apresentadas pelos alunos.

Neste último botão, discutiremos algumas sugestões levantadas pelos alunos após vivenciarem a transição do 5º para o 6º ano, reveladas através de ações que eles consideram contribuir para amenizar os desafios vividos nesse momento da vida escolar.

Considerando os desafios advindos da transição do 5º para o 6º ano, os alunos foram indagados a levantar algumas sugestões (se houvesse) que pudessem amenizar as adversidades e dificuldades entradas por eles nesse momento e tornar a transição do 5º para o 6º ano.

Com relação à primeira impressão que os alunos tiveram ao chegar no 6º ano e o contato inicial com a escola que gerou desconforto por ela ser uma escola muito grande, com pessoas diferentes, como manifestado por Nicolas que sentiu “[...] não conhecia nada aqui, da meio que um desconforto”, o aluno mesmo sugeriu

**“[...] falaria pra mostrar a escola, mostrar como é, como são as coisas aqui, toda a escola”.**



Sobre o recreio, em que Noemi observou que há alunos que se escondem com medo dos alunos maiores e até mesmo ela que encontra dificuldade de comprar um lanche, a aluna sugere que o recreio poderia ser diferente, segundo ela com “[...] mais ordem, porque tem salas diferentes com tamanhos diferentes, tipo ter mais pessoas pra estar rondando, só tem quatro inspetores, pra ficar mais de olho” e também, a escola poderia conversar mais com os alunos do Ensino Médio para melhorar a convivência entre os alunos.



Para diminuir a complexidade de lidar com oito professores diferentes, Pedro propôs que “eles (os professores) poderiam, por exemplo, juntar todos eles e se apresentarem todos juntos”.

Por fim, a respeito da dificuldade de se enturmar, fazer amigos e conviver com outras pessoas, Ademir considera que “[...] os professores poderiam fazer no começo, uma brincadeira para nós nos conhecermos melhor, de equipe, essas coisas”.

Pensamos que um momento de acolhimento organizado pela equipe escolar pode ajudar a conhecer melhor o novo ambiente escolar, as salas, o pátio, a quadra, os banheiros, bebedouros, etc., no sentido de amenizar essa sensação de estar perdido na escola.

Professores, coordenadores e funcionários podem usar de dinâmicas para que os alunos os conheçam melhor, saber o nome de cada funcionário da escola, independente de sua atuação pode contribuir com o estreitamento da afinidade e aumentar a proximidade e a confiança entre alunos e funcionários.



Com relação às ações pedagógicas, na pesquisa feita por Paula *et al.* (2018) com um pedagogo municipal e um estadual de Curitiba/PR, o pedagogo municipal apontou que existe um projeto em que alunos do 5º ano

vão até a escola do Estado para visita-la e alguns alunos do Estado vêm até a escola da rede municipal para responderem algumas perguntas dos alunos dos 5ºs anos. Porém, há certo descompromisso sobre essa questão, pois o processo pedagógico é feito sem a responsabilidade coletiva do município e o Estado. O pedagogo estadual, disse que inicialmente pais e alunos do 6º ano foram recepcionados pela equipe escolar, em seguida, houve um cerimonial e apresentação da equipe diretiva e pedagógica e dos professores. O diretor



falou sobre a escola e orientou sobre normas e por fim pais e alunos foram convidados a conhecer os espaços da escola. Para as autoras:

[...] percebe-se o comprometimento profissional e da equipe como um todo, articulado ao compromisso de um projeto escolar que acredita numa efetiva adaptação da criança e do adolescente que vêm do município, ou seja, neste ponto verificam-se os traços de uma possível proposta de ações pedagógicas ativas para deixar o processo de transição positivo para o desenvolvimento do adolescente. (PAULA *et al.*, 2018, p. 47)

Paula *et al.* (2018) também indicam que, num primeiro momento, o professor pode, por exemplo, incentivar os alunos ao diálogo com os outros amigos, onde poderão compartilhar experiências vividas até o momento. Para Paula *et al.* (2018) a transição do 5º para o 6º ano deve ser acompanhada de ações pedagógicas elaboradas e executadas em conjunto pelas escolas envolvidas nessa fase escolar vivida pelos alunos. As autoras ressaltam a importância de resgatar o papel do professor e da família no processo de transição dos alunos para o 6º ano, para que possam passar por esse momento sem comprometer seu crescimento educacional.

Consideramos que as sugestões feitas pelos alunos e os dados levantados na literatura podem ser utilizadas pelas escolas, professores e funcionários como forma de acolher, abordar e conviver com os alunos que estão chegando nesse novo ambiente que é o 6º ano. Além disso, tais sugestões e estratégias podem ajudar a estabelecer uma relação mais amena dos alunos com a escola e a equipe escolar e dessa maneira contribuem para reconfigurar as representações sociais em torno da transição do 5º para o 6º ano.



## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Para o desenvolvimento deste produto, tivemos como objetivos informar e orientar a equipe escolar, professores, familiares e demais interessados sobre a transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental.

Os resultados e análise dos dados emergiram da pesquisa de mestrado “Representações sociais de alunos sobre a transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental e a Educação Física”, que mostraram que a transição do 5ª para o 6º ano apresentou uma dinâmica não habitual para os alunos, desde a escola, os professores e o tratamento dos conteúdos, inclusive com a Educação Física.

Nossa expectativa com este produto é revelar para as escolas, professores e familiares, o que pensam e sentem os alunos na transição do 5º para o 6º ano. Contudo, embora este trabalho tenha evidenciado diversas informações sobre o que vivem os alunos nessa fase escolar, não podemos deixar de enfatizar que tais dados referem-se a uma pequena parcela de alunos em detrimento de uma variedade de regiões, escolas e Estados do Brasil. É evidente a importância de mais pesquisas que nos auxiliem nesse processo escolar, especialmente buscando informações ou até mesmo exemplos de práticas que contribuam, minimizando ou mesmo superando as dificuldades encontradas pelos alunos na transição do 5º para o 6º ano.

Frente às dificuldades e desafios vivenciados pelos alunos na transição do 5º para o 6º ano, esperamos que este produto contribua para que a transição desses ciclos se dê de modo organizado, estruturado e atento, materializando uma preocupação dos professores e da equipe escolar em conjunto a fim de minimizar os dilemas emocionais e pedagógicos deste momento da educação escolar. Com isso, esperamos que as temáticas sobre o convívio no novo ambiente escolar, a relação professor-aluno a partir do 6º ano e na Educação Física, bem como a utilização de apostila e a conciliação de aulas teóricas e práticas, venha contribuir com a relação escola/professor/aluno, dada a problemática que cerceia a transição do 5º para o 6º ano e as escolas públicas, inaugurando outras formas de pensar e agir com os alunos envolvidos nesse processo.



## REFERÊNCIAS

- BETTI, I. C. R. Educação física escolar: a percepção discente. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 16, n.2, p.158-167, 1995.
- \_\_\_\_\_. Lei nº 11.274, Diretrizes e bases da educação nacional sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental. **Diário Oficial da União - Seção 1**, 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm). Acesso em: 05 jul. 2018
- DIAS-DA-SILVA, M.H.G.F. **Passagem sem rito: as 5ª séries e seus professores**. Campinas: Papyrus, Série Pedagógica, 1997.
- HAUSER, S. D. R. **A transição da 4ª para a 5ª série do Ensino Fundamental: uma revisão bibliográfica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação). Disponível na Biblioteca Digital da PUC, São Paulo, 2007.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 2001, p. 17-44.
- LANE, S. T. M. Usos e abusos do conceito de Representação Social. In: O Conhecimento no Cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. SPINK, M. J. (org.) Brasiliense, São Paulo, 1999.
- LEME, M. A. V; BUSSAB, V. S. R; OTTA, E. A representação social da Psicologia e do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*. Vol. 9, nº1. Brasília, 1989.
- LUCCHESI, F. D. M; FERREIRA, L. A. A transição da 4ª para a 5ª série na Educação Física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. 8 (2): 111-122, 2009.
- MACHADO, L. B; BARRA NOVA, T. B. A escola nas representações sociais de crianças de Classe Média. *Atos de Pesquisa em Educação – PPGE/ME FURB*. V. 5, nº1, p. 21-37, jan/abr. 2010.
- MODENESE, J. C; FERREIRA, L. A. Participação dos alunos nas aulas de Educação Física: uma análise ao longo do ensino fundamental e médio. In: ZANATA, E. M. e cols. **Formação docente e universalização do ensino: proposições para o desenvolvimento humano**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 175-180, 2011.
- MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In: *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Editado em inglês por Gerad Duveen – traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 11ed. – Petrópolis, RJ. Vozes, p. 29-110, 2015.

PAULA, A. P; PRACI, F. C; SANTOS, G. G; PEREIRA, S. J; STIVAL, M. C. E. E. Transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental: processo educacional de reflexão e debate. Revista Ensaios Pedagógicos, v.8, n.1, Jul 2018.

RAMOS, G. N. S. Aplicação da Pedagogia das Condutas Motrizes na Educação Física Escolar. In: Praxiologia motriz na América Latina: aportes para a didática na educação física. RIBAS, J. F. M. (org) – Ijuí: Ed. Unijuí, 2017

RANGEL, Z. A. O processo de transição da unidocência para a pluridocência em classes de quarta para a quinta série do ensino fundamental: olhando a realidade e apontando caminhos. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2001

ROSA, D. & PROENÇA, E. A passagem da quarta para a quinta série: rupturas no sistema educativo e possibilidades de intervenção. In MARASCHIN;

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

SÃO PAULO. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física.** São Paulo, SEE, 2008.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias/Secretaria da Educação, 2. ed.** – São Paulo, 2011a.

SILVA, C. S; ALBUQUERQUE, I. N. A afetividade na aprendizagem: o olhar de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./ Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p. 3-18, jul/dez. 2015.